

CARTILHA POPULAR SOBRE ECOLOGIA

DA AGENDA LATINO-AMERICANA



Ainda que muitas pessoas não saibam, e que muitas outras vivam como se não soubessem, não há, neste momento, um assunto mais importante para a Humanidade do que a ecologia.

Nosso planeta está enfermo. Sofre um processo febril, um problema digestivo (chuva ácida), problemas dermatológicos (desmatamento, desertificação...), desidratação (crise de água doce) e problemas respiratórios (contaminação, buraco na camada de ozônio, excesso de CO₂ na atmosfera)... Todos esses problemas estão se agravando, e numa velocidade surpreendentemente acelerada.

Há bem poucos anos, desde 2007, já sabemos que somos justamente nós, os humanos, os causadores desta enfermidade. E já nos consta que o prognóstico

provável – inevitável, se não mudarmos drasticamente de estilo de vida – é uma catástrofe ecológica planetária que implicaria na extinção da maior parte das espécies que vivem atualmente, entre elas a nossa.

É urgente agir. Porém, mais urgente é abrir os olhos, ver de outra maneira, entender o que está acontecendo. E é importante que todos nós vejamos e compreendamos, pois somente se todos agirmos, como uma família unida, seremos capazes de salvar a nossa casa e sobreviver.

A Agenda Latino-americana, a família entusiasta de educadores populares que a compõem, oferecem nesta cartilha, de todo coração, a sua visão e a sua utopia, com a esperança de que todos nos unamos à Humanidade que já colocou mãos à obra.

O problema ecológico tradicional

Há muitas décadas que o problema ecológico nos preocupa, em muitas frentes diferentes. O contínuo crescimento da agricultura extensiva, para alimentar uma população que quadruplicou-se no século passado, juntamente com muitas outras formas de mudança de uso do solo, nos levou a derrubar grande parte das florestas através das quais respirava o planeta. A agricultura intensiva, o uso de produtos químicos e os grandes rebanhos produzem a deterioração e esterilização do solo. O deserto avança em todas as frentes, no planeta. A água doce começa a faltar e já prevenimos guerras por sua causa, num futuro bem próximo. No alto do céu, um preocupante buraco na camada de ozônio nos deixa desprotegidos ante as radiações ultravioletas cancerígenas. Em toda parte ficamos sabendo, a cada dia, sobre novas espécies em perigo de extinção...

Esses problemas ecológicos são “tradicionais”, pois são causados por práticas humanas que vêm de muito longe, mas ao mesmo tempo são um problema muito atual, pois foi somente nas últimas décadas

Uma descoberta incômoda: os limites

Desde que a humanidade existe, o ser humano acreditou que vivia numa Terra infinita: uma superfície plana, sem limites atingíveis. Foi somente há menos de cinco séculos, em 1522, que Magalhães descobriu que a Terra não era plana, mas fechada em si mesma, concretamente esférica e, portanto, limitada. Mas, ainda assim, era inabarcável, praticamente quase infinita.. Somente no fim do século passado foi feita uma descoberta incômoda: a corrida do desenvolvimento poderia chocar-se de frente com os limites do planeta. Assim proclamou, profética e solitariamente, o famoso livro do Clube de Roma, “Os limites do crescimento”(1972), mas não foi ouvido. Porém, a profecia foi confirmada e ratificada, quase na passagem do século, por outro livro, de Meadows, “Além dos limites do crescimento” (1992), que denunciou que corríamos

Fevereiro de 2007: catástrofe à vista

Como se tudo isso já não bastasse, fevereiro de 2007 é a data em que muitos cientistas, de muitos países, reunidos pela ONU no “Painel Intergovernamental sobre a Mudança Climática” (IPCC), depois de

que se agravaram de modo alarmante. Faz séculos que estamos abatendo florestas, mas nos últimos 50 anos abatemos mais do que nos últimos 500 anos. A cada minuto devastamos uma superfície equivalente a um campo de futebol... A taxa de extinção atual é cem vezes maior do que a que existia antes que os seres humanos aparecessem na Terra. Um terço dos anfíbios do mundo está em perigo de extinção. Entre 1970 e 2005, a biodiversidade foi reduzida em quase 30%. O problema é conhecido: continuamos perdendo 12.000 km² de matas tropicais a cada ano, diz a ONU; por uso excessivo ou inadequado, 60.000 km² de terra entram em processo de desertificação a cada ano; consumimos recursos naturais quase 30% mais do que a biosfera do planeta pode repor. Em toda parte, outras espécies biológicas estão sendo eliminadas. A Amazônia brasileira continua perdendo milhares de km² por ano. De agosto de 2008 a maio de 2009 acabamos desflorestando 1.084 km² da Amazônia. E hoje queimamos mais carbono do que em qualquer outro momento do passado.

o risco de ultrapassar a capacidade do planeta de absorver e restabelecer os recursos que consumimos. Este perigo tornou-se realidade, oficialmente, em 23 de setembro de 2008: os cientistas que acompanham a situação do Planeta o chamaram de “Dia da Ultrapassagem”, dia em que calculam que ultrapassamos em 30% a capacidade de reposição dos recursos necessários às exigências humanas. Neste momento, precisamos de mais de uma Terra para atender a nossa subsistência...

O informe do PNUM de 2008 ratifica a denúncia e, de outra forma e com outros dados, confirma que se toda a humanidade adotasse um nível de vida como o dos Estados Unidos ou da Europa, precisaríamos de 9 planetas... Estamos vivendo, claramente, sem dúvida alguma, uma situação “insustentável”...

muitos anos de estudo, proclamaram, com 90% de segurança, que o “aquecimento do planeta”, que temos observado desde bem pouco tempo, mais amplamente considerado como “mudança climática”, é produto da

atividade humana.

Somos, com efeito, a primeira espécie biológica que se converteu em uma força geológica, que destruiu a superfície vegetal do planeta, que já está quase acabando de queimar as reservas de hidrocarbonos procedentes dos bosques de épocas geológicas passadas, alterando assim a composição que a atmosfera vinha mantendo nos últimos 10.000 anos.

Apesar dos céticos, a mudança climática chegou: mata mais de 300.000 pessoas por ano, e vai mais rápida do que parecia. No ritmo em que vamos, dentro de muito pouco não haverá mais geleiras em todo o planeta. Calcula-se que no verão de 2030 nada mais restará das superfícies de gelo do pólo Ártico. Na última vez em que o planeta esteve tão quente como se prevê que estará em 2050, o nível do mar estava quatro metros acima do nível atual. (70% das pessoas que estão vivas, hoje, continuarão vivendo em 2050.) Se todo o gelo do planeta chegar a derreter, o nível do mar subirá aproximadamente 67 metros. Não esta-

Parece que estes dados deveriam ser suficientes para que a Humanidade entrasse em ação com urgência, totalmente unida... Mas, não! Estamos como que paralisados, sem capacidade de responder... É certo que a mudança que nos é exigida parece impossível: seríamos capazes de parar de queimar petróleo e gasolina, de parar de desmatar, de desperdiçar a água, de destruir a superfície da terra com as gigantescas minerações a céu aberto...? Estamos surpresos com este panorama desolador, mas o encaramos com o mesmo olhar que tínhamos antes, e que resultou neste estado de coisas. Ou será que deveríamos mudar, o quanto antes, nosso modo de ver?

Para o diálogo em grupo:

- *Quais são os maiores problemas ecológicos, de modo geral? Vamos fazer uma lista, por ordem de gravidade.*
- *Quais desses problemas são predominantes em nosso país, em nossa cidade, em nosso contexto?*
- *Procurar o gráfico da evolução da população mundial (Wikipedia, Google...) e analisá-lo. Procurar dados: qual é o índice atual de crescimento populacional do mundo e do nosso país? Quantas pessoas a mais têm, a cada ano, o nosso país e o mundo? Quanto tempo levará para que a população se duplique? E quanto tempo levará para que torne a se duplicar? O mundo e os países podem continuar assim, com esse crescimento populacional sem limites?*
- *É verdade que, se não mudarmos nosso modo de viver e consumir, caminharemos, sem dúvida alguma, para a catástrofe? Se, de acordo com minha idade, sou daqueles que a princípio ainda estarão vivos em 2050, quais as principais diferenças – segundo os cientistas – que a Terra terá sofrido nesse ano, em comparação com a situação atual (derretimento das calotas polares, extinção das geleiras, desertificação, fim das florestas, das espécies, temperatura...)?*
- *E quando nossos netos chegarem à idade adulta? Mas tudo isso é irremediável ou poderia ser evitado? Por que não é este o tema principal de debate nesta sociedade que está caminhando para o desastre, sem se preocupar?*
- *Ainda que nos convençamos de que precisamos mudar urgentemente... Será que podemos mudar? Podemos deixar de queimar petróleo, de desperdiçar água, de contaminar o solo com produtos químicos, de destruir a paisagem e as montanhas com a exploração de minérios a céu aberto, de lançar diariamente, na atmosfera, milhões de toneladas de carbono?... Podemos mudar, ou estamos tão arraigados a este estilo de vida, que nos deixaremos matar por ele?*

mos falando de ficção científica: há cerca de 20.000 a 35.000 anos o planeta estava coberto de gelo até o Equador e o mar estava 100 metros mais baixo do que hoje.

A temperatura (febre) do nosso planeta está subindo. O ano de 2008 foi um dos mais devastadores da História. Foi também o 10o ano mais quente já conhecido. Os 10 anos mais quentes correspondem precisamente aos últimos 12 anos.

O fator mais determinante do aquecimento do planeta é o CO₂ acumulado na atmosfera. Se um dia chegasse a ser 1% da atmosfera, a superfície do nosso planeta alcançaria o ponto de ebulição. Mas não falta muito. Simplesmente, se continuarmos injetando na atmosfera milhares de toneladas de carbono por dia, sem diminuir drasticamente o ritmo atual, a temperatura do planeta poderá subir até 7°C. Os cientistas estão de acordo: uma elevação maior do que 2°C será, simplesmente, letal para a maior parte das espécies que habitam o planeta.

JULGAR

Um novo modo de olhar para o cosmos e a natureza

O formidável crescimento da ciência nos últimos tempos nos leva a uma visão do Universo completamente diferente da que tiveram as gerações anteriores. A nova cosmologia nos apresenta uma imagem totalmente diferente do cosmos.

Até o século passado a humanidade pensava que a idade da Terra não ultrapassava os 6.000 anos... Hoje elevamos a idade do Universo para 13.700.000 anos... Mas Darwin, há um século e meio, duvidava de suas descobertas sobre a evolução porque implicavam períodos de tempo muito mais longos do que aqueles que, na época, eram considerados possíveis.

Todas as gerações anteriores viveram pensando estar num mundo quieto e tranquilo (a Terra, o Sol, a Galáxia...); hoje sabemos que tudo está em movimento. Faz apenas 80 anos (Hubble, 1929) que descobrimos que o universo está em expansão constante...

O Universo não só está em expansão, mas em desenvolvimento. O mundo não apareceu assim, pronto e definido, com cada coisa totalmente concluída, tal

como a conhecemos atualmente. Hoje sabemos que o cosmos encontra-se numa dança contínua, na qual as fases se sucedem internamente, umas dando origem a outras, que vão se desenvolvendo com a crescente criatividade que possibilita o surgimento de novos estágios de organização, com propriedades emergentes... A vida, e nós dentro dela, somos – literalmente – “pó de estrelas”, produto da morte e ressurreição da evolução das estrelas...

Este novo modo de ver constitui uma revelação para nós, que nos faz descobrir que o cosmos não é um conjunto de grandes pedras lançadas ao vazio, mas uma cosmogênese que se desenvolve com criatividade e crescente complexidade. Sabemos que a Terra não é matéria puramente inerte, nem um mero depósito de recursos a serem consumidos... Não cabe, portanto, a nós, desprezar a matéria, considerá-la inerte, morta, incapaz de nos surpreender com a sua energia e sua criatividade...

Um novo olhar para a vida

Hoje percebemos a vida de um modo inteiramente novo, diferente de como pensavam nossos antepassados. Eles nos ensinaram que a vida era “outra coisa”, que era impossível que da natureza da matéria inerte brotasse a vida... Hoje a ciência está convencida de que a vida provém da própria matéria, e já conhecemos, de modo aproximativo, como e em que condições tiveram origem as primeiras formas de vida. E mais: os cientistas estão convencidos de que, ainda que não conheçamos sequer um planeta a mais, deve haver milhares ou milhões de planetas como o nosso, cheios de vida, por todo o cosmos...

Já não vemos a Terra como uma rocha inerte, em movimento, à qual a vida teria subido, como se pegasse uma carona... A vida não veio de fora, pronta e já configurada em diversas espécies, tal como as conhecemos hoje, pré-fabricadas e definitivas... A vida brotou da Terra, germinou a partir da matéria, e o que vemos hoje é – também – um “desabrochar” maravilhoso da árvore frondosa da vida, que ensaiou milhões de formas, através de tentativas e erros, para ir cres-

cendo em complexidade e em interioridade...

Para que a vida aparecesse e germinasse foram necessários processos de alta precisão em seus parâmetros, nos quais um mínimo desvio, de nível infinitesimal, teria tornado impossível a evolução posterior da vida, tal como ocorreu. Hoje já não vemos a “tela da vida” como um conjunto de seres vivos, soltos... mas como uma comunidade vital, uma rede de alta complexidade, de estabilidade muito frágil, cuja auto-organização é continuamente retroalimentada, e na qual tudo está inter-relacionado, num sistema em que tudo depende do tudo...

Hoje sabemos que não foi a atmosfera do planeta que possibilitou a vida, mas que a vida contribuiu para gerar a atmosfera que ela, a própria vida, necessitava para se desenvolver. O planeta se revela, para nós, como uma unidade sistêmica complexíssima, como uma imensa rede de retroalimentações com as quais se autorregula, como um autêntico ser vivo... que os cientistas estão chamando de *Gaia*...

Um novo olhar para nós mesmos

Nesta nova visão que nos oferece o cosmos, a matéria, a vida... resulta que também nós estamos profundamente mudados. Estamos nos descobrindo de outro modo. Pois nos tinham dito – nossos antepassados sempre pensaram assim – que éramos diferentes, que éramos também “outra coisa”, que vínhamos “de cima”, que fomos introduzidos por Deus, “vindos de fora”, quando todo o cenário já estava preparado... (como se o mundo não fosse mais que um simples cenário, sem outra razão de ser, além de acolher a representação do nosso drama humano)...

Hoje sabemos que não é assim. Sabemos que somos, verdadeiramente, filhos desta Terra, que somos o último elo de uma evolução, a flor na copa da árvore da vida... Não que sejamos essências imortais que tiveram a desgraça de cair na matéria (Platão); tampouco estamos neste planeta como “desterrados” ou “exilados”, porque somos Terra, estamos em nosso habitat natural, em nosso próprio lugar, em nosso berço, porque somos a própria Terra que evoluiu durante milhões de anos, desenvolvendo toda sua potencialidade e criatividade... Somos terra que chegou a pensar, a sentir, a admirar, a amar... Somos humanos, animais, natureza, vida, Terra, pó de estrelas auto-organizado, Cosmos... Temos 13.700 milhões de anos de idade, e trazemos em nós o resultado dos esforços evolutivos dessa História inabarcável.

Esta nova visão nos transforma. Permite-nos reinventar o humano como parte do novo relato cósmico.

A redescoberta do fogo interior

Há 200.000 ou talvez 300.000 anos os nossos antepassados tiveram uma forte vivência espiritual quando descobriram e dominaram o fogo... Aquela força misteriosa e incontrolável nutriu de energia o consciente e o subconsciente coletivo daqueles povos nômades, povoando seu imaginário de fábulas e mitos, através dos quais expressaram sua reverência, renovada diante do mistério energizante da existência... Sentiram que não estavam em meio a um monte de pedras e gases procedentes de uma explosão irracional... O universo não é um monte de coisas, mas um fenômeno energético único, capaz de se auto-organizar, maravilhoso, pleno de sacralidade e mistério.

Hoje nós descobrimos que a matéria não é inerte, que a matéria e a energia estão intrinsecamente en-

Hoje nos descobrimos como parte desta dinâmica terrestre no seu desenvolvimento constante e auto-criativo. Somos uma criação da evolução da Terra: fomos criados para desfrutar e aprimorar a riqueza da Terra... Pensar sobre nós mesmos como seres de fora, ou superiores, alienados da vida da Terra, é uma ilusão que nos deturpa e nos aliena.

Além do mais, somos recém-chegados, no registro da História evolutiva. E, apesar disso, temos nos comportado como depredadores sem misericórdia, que só sabem olhar para si mesmos – e de um modo míope – colocando tudo a seu serviço, explorando a natureza sem piedade, violentando-a, invadindo 85% da superfície do planeta (somos uma praga para ela?), destruindo os pulmões e as entranhas da Terra, contaminando as águas e o ar (somos um câncer para a Terra?), como uma verdadeira força geológica destrutiva, de alcance planetário... Como se não soubéssemos realmente quem somos, como se não fôssemos Terra, como se agíssemos melhor estando em guerra com ela.

São muito contraditórios os sentimentos que, nesta nova hora da História, temos sobre nós mesmos, porque descobrimos que até agora temos nos comportado como aquilo que não somos, como se fôssemos outra coisa, como se fôssemos contra a Terra e contra nós mesmos... É urgente que nos reconciliemos com nosso ser, com nosso próprio corpo, com a Terra que somos.

trelaçadas, que o vazio está tão presente no próprio coração de ambas, que acaba se tornando impossível prever ou definir sua presença...

Já não nos parece verossímil pensar o divino como separado do que seria a sua “criação”, que transcende “as coisas”, que seriam profanas e inertes... Não há essa dicotomia. Não há um profano desprovido de mistério e divindade... Não existe nada que seja puramente “material” e inerte... Tudo é habitado pelo mistério, pela energia, pela sacralidade, por virtualidades inimagináveis de auto-organização...

Descobrimos uma profunda continuidade entre o vazio, a energia, a matéria, a interioridade, a vida, a mente, a consciência, o espírito... Não somos “outra coisa” diante da matéria... somos o seu próprio fogo

interior, sua dimensão energética mais profunda, auto-organizada... Devemos voltar a olhar a realidade por inteiro, sabendo captar seu mistério, seu fogo interior... Não existe nada de profano ou inerte, para

quem sabe ver. Todo o cosmos se enche de amor reverencial e volta a se encantar com a sacralidade, com o que nos leva a viver, de um novo modo, a nossa dimensão espiritual...

Para o diálogo em grupo

- *Quais são as principais diferenças entre a ideia que temos hoje, sobre o cosmos, e a de nossos avós e seus ancestrais? Enumerar uma série com as diferenças mais significativas.*
- *“Antes, nós tínhamos a impressão de conhecer o cosmos... agora sabemos que não se trata de um cosmos, mas de uma cosmogênese”: comentar as principais diferenças entre a nova visão que temos do cosmos e a visão que a Humanidade teve, até agora.*
- *Antigamente pensava-se que havia uma descontinuidade total entre a terra (matéria mineral morta, inerte...) e a vida. Hoje os cientistas redescobrem a matéria como energia, como fonte e origem da vida... Em que implica esta nova visão?*
- *Pensávamos que tínhamos sido postos nesta Terra, que éramos outra coisa totalmente diferente... A nova visão que temos agora, sobre nós mesmos, nos diz que “somos Terra”... Esta nova convicção nos faz olhar a realidade de modo diferente? Dar exemplos.*
- *Se causamos tanto dano ao planeta, e continuamos aumentando este dano, e parece que não podemos deixar de aumentá-lo... será que “somos um câncer para o Planeta” e acabaremos extintos por nossa própria contaminação?*
- *Qual é o equívoco? Onde erramos? Por que estamos indo para a catástrofe, em vez de “viver bem” e ajudar o planeta a ser cada vez mais belo e fecundo?*
- *Dar exemplos que mostrem que o nosso modo de olhar a matéria, a terra, os animais... não é inspirada pela reverência, pelo respeito, pela comunhão... Terá sido uma visão desencaixada do mundo, da terra e da vida, que nos fez tratá-los tão mal? O que fazer para que nossa visão volte a se encantar, para educar nossos olhos, para descobrir a sacralidade, o mistério transparente em tudo que nos rodeia?*

AGIR

Mudança de mentalidade: reconciliar-nos com a Terra

Neste momento dramático da História do Planeta, não há nada mais importante, para o seu destino e para o nosso, do que conseguir uma mudança de mentalidade nessa espécie biológica pensante que veio a ser a mais influente e se converteu numa poderosa força geológica. Só uma mudança de mentalidade pode salvar esta conjuntura do planeta. A mudança principal não é de hardware, mas de software, não é material e sim espiritual. Só a mudança na mente, na consciência e no espírito produzirá a mudança física e material necessária.

Essa mudança de mentalidade consiste fundamentalmente em nos perceber e nos situar perante a realidade, de forma diferente: acabar com o antropocentrismo, pelo qual olhamos tudo em função de nós mesmos e de nossos interesses individuais de espécie

biológica depredadora, que põe tudo a seu serviço para conseguir um maior nível de comodidade, custe o que custar, ainda que sejam destruídos os ecossistemas, as espécies, a paisagem, a habitabilidade, a atmosfera, o futuro da vida...

Romper com o sistema de valores vigente desde o início da sociedade industrial, de desprezo e insensibilidade em relação à natureza, de instrumentalização da própria natureza em benefício exclusivo dos seres humanos, concebido como um crescimento sócio-econômico sempre maior, de lucro pelo lucro, com o mínimo de investimento possível, no menor tempo possível, ignorando totalmente os efeitos nocivos sobre o planeta...

Descer do trono autocrático e explorador – onde havíamos nos sentado quando nos consideramos o

centro da realidade –, para recuperar o rumo da flecha da evolução: colocar no centro o conjunto, o todo, a realidade, o cosmos, o planeta, a vida, a biodiversidade, o bom viver, em harmonia e sinergia com toda a natureza...

«Cuidar» do Planeta

Estabelecemos todo o nosso estilo de vida, as nossas formas de produção e consumo, sem contar com o planeta. Supunha-se que este era infinito, que absorvia tudo, e que era tão capaz, que não podíamos imaginar que um dia nós o veríamos cansado, contaminado, aquecido, perdendo vida e biodiversidade, incapaz de absorver os nossos detritos e de se regenerar... Mas hoje é cientificamente evidente: o planeta está cansado, mostra sinais de esgotamento e de acelerada deterioração. Urge fazer algo.

Urge, antes de tudo, deixar de ignorá-lo, como fizemos até agora. É necessário, a partir de agora, considerar a “dimensão planetária”, as repercussões de tudo – a economia, a produção, o consumo, o nosso estilo de vida... – sobre o planeta. É preciso reconsiderar tudo “planetariamente”.

Participação eco-política

Contudo, não bastará o cuidado pessoal, individual ou comunitário. Somos sociedades de massa, e as decisões políticas são as que têm maior incidência sobre a ecologia.

É urgente reconstruir a cidade humana (a polis) com um novo “pacto social”, que já não seja apenas “social”, mas um pacto “eco-bio-social”, que não se restrinja a garantir o limite mínimo – a partir do qual possam concorrer os interesses humanos particulares, egoístas, em livre competição –, mas coloque no centro de tudo, como supremo bem, o Bem Comum da Humanidade e o Bem supremo da Vida e do Cosmos. Na nova visão, a Democracia humana é insuficiente; hoje deve ser uma “eco-bio-democracia”. Não somos os donos, nem os exploradores, e sim os administra-

Decrescimento

Como já é sabido, e a cada dia se torna mais evidente, o “estilo de vida moderno”, ao qual estamos acostumados, não é universalizável, nem sustentável, e já não a longo prazo, nem a médio, mas a curto prazo, e bem curto. O planeta não aguenta mais, e estamos à beira da catástrofe, próximos do ponto em

É toda uma revolução: abandonar a atitude egoísta e de guerra que temos mantido nos últimos tempos, e voltar a uma atitude de comunhão com nossas raízes, reconciliando-nos com a vida e com o todo.

É preciso olhar para o planeta com carinho, com amor, porque ele é a nossa casa, a nave espacial em que viajamos, suspensos no cosmos, arca única de Noé na qual todos nos salvaremos ou nos perderemos, única e insubstituível.

A nossa ética já foi antropocêntrica... Agora tem que ser, necessariamente, uma “ética do cuidado com o planeta”.

Tanto na grande organização da sociedade, como no cotidiano da vida pessoal, há muitos e muitos gestos e ocasiões em que podemos mudar nosso estilo de vida, em benefício do cuidado para com o planeta: no uso ponderado e racional de água, de energia, de recursos... no consumo ecologicamente responsável, em todas as formas de lidar com a biosfera...

dores, os mordomos, os irmãos mais velhos da comunidade da vida, e por isso assumimos a biocracia como princípio supremo.

É, sem dúvida, por um pacto social que estão suspirando as espécies em extinção, as matas que são abatidas todos os dias, as montanhas ameaçadas pela mineração a céu aberto, as espécies que se veem acuadas e até expulsas do seu habitat, a atmosfera contaminada que se torna irrespirável... Eles e elas não podem opinar, mas esperam que os cidadãos conscientes votem em seu nome pela realização do sonho de um novo cosmos eco-bio-social. Não devemos votar naqueles que dizem que não é possível... e sim naqueles que se comprometem a realizá-lo.

que não há retorno.

Há algum tempo, falava-se do ano de 2050 como “o ano do não retorno”... Mais recentemente, já se falava que seria o ano de 2020. O Greenpeace acaba de falar de 2015... O que esperamos para acordar? A mudança, a revolução necessária é tão grande e pro-

funda, que só com a coragem da radicalidade seremos capazes de salvar o Planeta.

Acabou-se o mito do crescimento ilimitado, que está nos levando ao suicídio coletivo e ao ecocídio. É mais importante viver, sobreviver, do que crescer. Não precisamos crescer ilimitadamente. Aliás, não é possível. E, além do mais, isso está nos matando. É hora de contenção, de autocontenção. É hora – e com urgência! – de repensar todos os nossos sistemas de vida, de um modo que seja compatível com a biosfera, de um modo cooperativo, não freneticamente compe-

titivo e cumulativo, como foi até agora.

É preciso atrever-se a pensar e a dizer, desafiando o imaginário dominante, que reconhece como dogmas o lucro pelo lucro e o crescimento econômico ilimitado, com os olhos fechados às implicações e custos ecológicos. Precisamos abandonar as pretensões indevidas, abandonar os nossos estilos de vida insustentáveis, o que não será possível sem uma dose de sacrifício. Mas só assim será possível salvar o planeta e salvar-nos com ele.

Para o diálogo em grupo

- Estamos convencidos de que a principal mudança, a mais efetiva, e a única que nos salvará, consiste em que a Humanidade mude sua forma de pensar? Não foi o modo depreciativo de olhar a natureza que nos conduziu até esta ameaça de catástrofe iminente?

- Redigir em grupo uma lista das principais características da nova mentalidade ecológica que precisamos ter.

- Parece que o nosso estilo de vida moderno está “em guerra com o Planeta”... Certo? O que nos está dizendo isto?

- Nesta nova visão, fala-se, hoje em dia, de superar o “antropocentrismo”... O que isto quer dizer? Enumerar riscos, situações, fatos que mostrem que nossa visão clássica e nossa conduta evidenciam que nos considerávamos “o centro da realidade”. Se não somos o centro... qual deve ser a nossa posição a respeito dos outros seres? Se não mais nos consideramos o centro, quais situações e condutas devemos mudar?

- Se essa mudança de mentalidade é a mais urgente... quais são as atitudes mais importantes que podemos/devemos tomar, em relação ao nosso bairro, nossos amigos, nossa família... e em relação a nós mesmos?

- Há muitas formas de “cuidar do planeta”. Poderíamos elaborar uma lista de 20 formas práticas de fazê-lo, que estejam ao nosso alcance?

- Os animais prejudicados pelo nosso estilo de vida e as espécies em via de extinção não podem votar, em nossa “democracia”, porque não são considerados “cidadãos”; nossa democracia não os inclui. Não deveríamos transformar nossa democracia em uma “bio-cracia”, que os inclua como membros da comunidade de vida universal à qual pertencemos? Eles não podem votar para que este sonho chegue a ser realidade, mas nós podemos votar em seu nome e em função de seus interesses... Como?

- Já faz vários séculos que a Humanidade está obcecada pelo crescimento econômico e material, um crescimento permanente, constante, sem limites... Hoje, diante deste “crescimento” que está nos levando à catástrofe, há correntes novas que se rebelam contra este “dogma” inquestionado e proclamam que, neste momento, o que faz falta é justamente o contrário: propiciar um “decréscimo” sensato e bem planejado. Há quem pense que estão loucos, mas são cada vez mais os que entendem que, efetivamente, trata-se de uma nova forma de entender o mundo. Poderíamos fazer uma pesquisa na internet sobre o “decréscimo” e debater na próxima reunião sobre esta nova filosofia, seus prós e contras?

O texto desta cartilha é uma síntese da mensagem da Agenda Latino-Americana 2010, que quer mostrar a lógica convincente do argumento ecológico. Uma guia pedagógica para converter este texto na base de um pequeno curso ou encontro sobre a «nova consciência ecológica», para a comunidade ou para o grupo de estudo, para os jovens ou para a educação de adultos, e outros muitos materiais complementares, tudo isso é publicamente disponível, em formato digital, em: latinoamericana.org/2010/info